

## LIMA BARRETO: CRÍTICA LITERÁRIA E MARGINALIDADE SOCIAL

Josias de Paula Jr. (UFRPE)<sup>1</sup>

**Resumo:** A apreciação crítica da obra de Lima Barreto ao longo dos anos experimentou diversas flutuações. Se, num primeiro momento, a recepção se mostrou entre reticente e acanhada – quando não envolta na asfixia da indiferença silenciosa; nas últimas décadas, pelo contrário, assiste a uma aceitação não raro pouco crítica, tangenciando a complacência. Argumentamos que a atual apreciação do trabalho barretiano advém de um viés questionável quanto à relação entre crítica e produções artísticas elaboradas por setores marginalizados – as minorias – da realidade social.

**Palavras-chave:** Lima Barreto; Crítica Cultural; Estudos Culturais


As últimas décadas tem se caracterizado, em relação à fortuna crítica de Lima Barreto, por uma espécie de consenso celebratório (MARTHA, 2000; AMADO, 2011). Neste ano de 2017 tal impulso ganhou contornos ainda mais intensos, certamente embalado pela escolha do autor de *Clara dos Anjos* como escritor homenageado da FLIP – Festival Literário de Paraty -, cujo peso simbólico e midiático no mundo literário nacional não encontra paralelo hoje. Vários de seus livros ganharam reedições, foi relançada sua principal biografia até então, composta por Francisco de Assis Barbosa e publicada uma nova biografia, ansiosamente aguardada e fruto de mais de dez anos de pesquisa, da autoria de Lilia Moritz Schwarcz.

Os ensaios críticos acerca do autor seguiram o mesmo tom, elogiosos. Mais que isso, o gesto crítico que se vem esboçando nos últimos anos em relação a Lima Barreto assume uma postura de resgate, de expiação de uma suposta dívida espuriamente não paga ao escritor carioca de *Triste fim de Policarpo Quaresma*. Qual dívida? Por que a necessidade de resgate, de uma (quase) compensação? O pressuposto é de que a primeira recepção crítica de Lima Barreto, feita ainda durante sua vida e logo após sua morte, é marcada por uma nódoa infame, a saber: Lima Barreto teria sido injustiçado, esmagado entre uma má-vontade na análise de seus textos e um asfixiante silêncio que o teria impelido a patamar inferior ao merecido no gradiente de honrarias e reconhecimento.

O que teria motivado tal recepção a Lima Barreto, ainda segundo a nova percepção crítica, seriam elementos não-literários, isto é, sua condição de negro (mestiço), pobre e suburbano. O julgamento justo do trabalho literário de Lima Barreto

---

<sup>1</sup> Doutor em Sociologia (UFPB) e integrante do GECCA (Grupo de Estudos em Crítica Cultural e Arte). Contato: josias75@@hotmail.com



haveria sido sonegado pelo preconceito, por um conjunto de forças sociais que se teriam movido pelas raias do racismo e da mesquinhez classista. Os donos da literatura e do poder na sociedade brasileira do começo do século XX não teriam permitido a entrada de um “marginal”, socialmente inferior, ao mundo honorável das letras.

Nosso objetivo é questionar esses dois aspectos, a nosso ver inter-relacionados, que conduzem atualmente a avaliação sobre Lima Barreto, ou seja: 1. Sustentaremos que a recepção primeira de Lima Barreto não se caracteriza como tem sido delineada em nossos dias, visto que Lima Barreto não foi de todo ignorado em vida pela crítica, assim como fez escolhas conscientes dos riscos que trariam para si em seu objetivo de alcançar glória e distinção, e por fim, contudo extremamente relevante, algumas críticas negativas de que foi objeto foram acertadas, ou ao menos, coerentes; 2. Argumentaremos que a atual avaliação do autor em questão é um mero trocar de sinais, um valorizar sem questionamento daquilo que teria ocasionado o flagelo da injustiça: a sua condição racial e econômica está a franqueá-lo, agora, um exaltado aplauso condescendente; em resumo, seus condicionantes sociais étnicos e de classe, que outrora o teriam feito padecer uma iníqua apreciação, são então transformados em *a priori* inquestionáveis de seu talento. Em suma, pensamos que é chegado o momento de uma posição de equilíbrio na crítica a Lima Barreto.


### **Isaías Caminhas: estreia equívoca**

Quando em 1907 Lima Barreto decide trazer à lume seu primeiro romance, ele tinha dois livros escritos, na gaveta. O *Recordações do escritor Isaías Caminha* e o *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá*. Assumidamente Lima Barreto decide-se pelo primeiro por seu potencial de escandalizar, causar polêmica, atrair para si o máximo de atenção. Já o *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá*, nas palavras do próprio autor, era muito cerebral.<sup>2</sup>

Contudo, o romance selecionado era uma aposta de alto risco. *Recordações do Escritor Isaías Caminha* era um romance *à clef*, com seus personagens facilmente identificáveis entre importantes figuras da sociedade carioca contemporânea. E tratava-

---

<sup>2</sup> Numa carta destinada a Gonzaga Duque em 07 de Fevereiro de 1909, Lima Barreto deixa claro alguns pontos decisivos sobre o romance. Dois pontos se sobressaem na missiva, sua pretensão de chocar e sua consciência de que o livro padecia de alguns equívocos em sua estruturação e arquitetura: “Era um tanto cerebrino, o *Gonzaga de Sá*, muito calmo e solene, pouco acessível, portanto. Mandei as *Recordações do Escritor Isaías Caminha*, **um livro desigual, propositalmente mal feito, brutal por vezes, mas sincero sempre. Espero muito dele para escandalizar e desagradar...**” (BARRETO apud BARBOSA, 1975, p. 162, ênfase acrescentada).




se de uma sátira mordaz, uma crítica ferina contra a imprensa em geral, e em especial o principal jornal da época: o Correio da Manhã. Todo o funcionamento dos grandes jornais é ridicularizado, descrito como uma maquinaria produtora de mentiras, falsificações; eivada e atravessada pelo compadrio, pelo tratamento desigual a pessoas em função de seu poder e capital social. É desferida um ataque feroz contra a maneira com que a imprensa lidava com a literatura, sendo os críticos retratados como sujeitos ignorantes, prepotentes, interesseiros.

Sabendo-se que o mediador fundamental entre a obra literária e o público naquelas primeiras décadas do século passado era o jornal (CASTELO; CANDIDO, 1974), não é difícil imaginar as consequências que um ato beligerante como foi a mensagem contida e publicada no *Recordações* poderia acarretar para o autor. Efetivamente, e antes de tudo, o Correio da Manhã ignorou solenemente o livro, sentindo-se frontalmente depreciado pelo texto. Apenas isto já seria suficiente para retirar de Lima Barreto a chance de ser comentado e glosado pelo veículo mais lido naquela quadra. Some-se que, por espírito corporativo ou solidário, outros importantes jornais também se fecharam para a repercussão da obra (afinal, também, para além da crítica mais direta ao Correio da Manhã, toda a grande imprensa era fortemente satirizada).

Não obstante, e a despeito desse real boicote, o livro contou com análises e avaliações judicativas, não sendo envolto completamente num silêncio de indiferença<sup>3</sup>. Neste ponto, porém, assoma uma outra dimensão do debutar de Lima Barreto: a qualidade literária de seu texto. Críticos importantes como Medeiros & Albuquerque e Alcides Maia foram unânimes em apontar as fraquezas do romance, visto como excessivamente confessional, panfletário e disforme em sua composição. Qualquer leitura atenta do romance inaugural da carreira barretiana percebe o abismo entre os primeiros capítulos, dedicados à denúncia acurada do preconceito racial, e os capítulos restantes, nos quais reponta a virulência do golpe contra a instituição imprensa. A personagem perde em densidade e se transforma num mero pretexto para a denuncia caricata da podridão que caracterizaria o submundo dos órgãos de informação. Em

---

<sup>3</sup> Vários críticos não se eximiram de analisar o trabalho barretiano. Pode-se destacar inúmeros, entre os quais: Nestor Victor, Jackson Figueiredo, Tristão de Ataíde, João Ribeiro (BARBOSA, 1975).



suma, as críticas negativas que o livro recebeu possuía fundamentos concretos, razões coerentes.

### **Comunicação ou iconoclastia**


Fazer literatura para Lima Barreto não era uma ação qualquer. A concepção de literatura para o autor de *Os bruzudangas* carregava a impregnação da militância; Lima Barreto nutria a ideia de que a literatura tinha uma missão, e uma missão das mais elevadas: a de soldar as almas humanas, operando para um sentido crescente de incremento da solidariedade e mútua compreensão. Esse entendimento do ser, da essência da literatura, ele buscou em autores como Liev Tolstói, Thomas Carlyle, Jean-Marie Guyau e Hippolyte Taine.

Por óbvio, todavia, para o cumprimento da vocação da arte literária, a condição necessária para que alcance seu *destino*, é a ampla comunicação entre escritor e público. É imperioso que sua voz se alastre, se difunda, se espraie, a fim de que granjeie tocar e transformar os corações, ferindo as consciências no intuito da emulação dos valores mais elevados. Para atingir de modo mais seguro este requisito fundamental, elementar, convém respeitar minimamente os códigos de ingresso no sistema literário, aproximando-se dos seus elementos de mediação, os editores, a crítica especializada, a imprensa e os canais de divulgação. Isto é, adotar uma posição conciliatória, diplomática e menos belicosa, com o fito de obter uma posição de reconhecimento sólido dentro do campo literário.

Essa não foi, nunca, a postura de Lima Barreto. Nosso autor alimentou sistematicamente durante sua vida o fogo da iconoclastia, do desafio ao instituído; espicaçava-o um forte sentimento de orgulho, uma altivez peculiar, cuja consequência foi impedi-lo de negociar, compor, forjar firmes alianças na arena cultural. O comportamento de inconformado e, mesmo, intransigente, não esperou, para aflorar, a publicação de *Isaías Caminha*. A organização e lançamento, junto com alguns amigos, da revista *Floreal*<sup>4</sup> já explicitava com veemência sua intenção de não fazer quaisquer concessões. A revista buscava escapar aos “mandarinatos literários” e emergiu pela consciência e convicção de seus editores da necessidade de se publicarem; de se fazerem ler, contudo sem pagar o preço da bajulação, da concessão, etc.

---

<sup>4</sup> Floreal era “um manifesto libertário arrogante que se coloca declaradamente for a das instituições do Sistema, sabendo que está se dirigindo a um público desfavorável” (RIEDEL, 2009, p. 312).



Este caminho se nos impunha, pois nenhum de nós teve a rara felicidade de nascer de pae livreiro, e pouca gente sabe que, não sendo assim, só há um meio de se chegar ao editor – é o jornal. Pouca gente sabe tambem que o nosso jornal actual é a cousa mais inintelligente que se possa imaginar (BARRETO, 1907: 05).


E prossegue reforçando a impossibilidade, a inconveniência de se transigir com os donos da literatura, com tudo aquilo que compunha o establishment:

Demais, para se chegar a eles, são exigidas tão vis curvaturas, tantas iniciações humilhantes, que, ao se attingir ás suas columnas, somos outros, perdemos a pouca novidade que traziamos, para nos fazermos iguaes a todo o mundo. Nós não queremos isso. Burros ou inteligentes, geniaes ou mediocres, só nos convenceremos de que somos uma ou outra cousa, indo ao fim de nós mesmos, dizendo o que temos a dizer com a mais ampla liberdade de faze-lo (Ibid: 06).

Pode-se acrescentar - nesta caracterização do autor como um militante radical em seus atos, em suas premissas de guerra contra as formas sociais estabelecidas - também a negativa sistemática por parte de Lima Barreto em ocupar espaço na imprensa “burguesa”. Possuía amigos em grandes veículos de comunicação (Pausílipo da Fonseca, Bastos Tigres, entre outros) e teve oportunidades dentro dos mesmo, seja como colaborador e mesmo ocupando cargos na organização de veículos. Calos Viana entrega a Lima Barreto a secretaria da *Revista da Época*, porém sua permanência é curta. O posto poderia dar-lhe alívio financeiro tão almejado, contudo, uma solicitação para um elogio a um influente senador pelo Paraná, texto que inclusive não teria assinatura, foi o suficiente para abandonar o emprego. Mesmo apócrifo, aquele texto solicitado feria de morte o parâmetro ético do autor de *A Nova California*.

Ingressou e colaborou ainda na prestigiada *Fon Fon*, também pelo breve período de nove meses. Enfim, inadaptado ao mundo do grande jornal, Lima Barreto – a despeito de considerações morais – não contribuía para a constituição de uma rede dentro do campo literário que alavancasse sua reputação como autor literário. Não se discute aqui a legitimidade de sua postura, apenas julgamos irrecorrível a explicitação desses traços biográficos e históricos para o entendimento mais aprofundado e nuançado de sua recepção.

Em livros como *Bagatelas* e *Marginália*, por exemplo, Lima Barreto expõe enfaticamente sua régua de vida, sua despreocupação em agradar poderosos, em conseguir bons empregos, em fazer fortuna pecuniária com as letras. Em *Bagatelas*




escreve que nunca escreveu para agradar aos políticos e poderosos, pelo contrário. Diagnostica uma aceitação servil – por parte dos brasileiros – dos desmandos das autoridades; ele que, entre outros atos, se insurge contra o envio de frades e padres católicos a bordo dos navios de guerra brasileiros (por ocasião da Primeira Guerra Mundial), chegando inclusive a escrever em protesto ao Presidente da República, argumento pela notória violação às leis que isso implicava. E o que o fazia mais sofrer: ser admoestado pelos amigos e próximos: “Você é louco...” (LIMA BARRETO, 1923, p. 80-85).

Em *Marginália*, por fim, podemos encontrar outros exemplos do jeito insubmisso de Lima Barreto, sua militância consciente de que, agindo com o ímpeto que o impulsionava, estava a se afastar da senda mais confortável no caminho da glória. Num texto intitulado Elogio da morte, desabafa: “Dessa forma, quem, como eu, nasceu pobre e não quer ceder uma linha da sua independência de espírito e inteligência, só tem que fazer elogios à Morte” (s/d, p.11). É uma declaração pungente que sinaliza o paradoxo do caminho barretiano: a) por um lado uma necessidade visceral de se fazer ler, de se comunicar, de contribuir e participar da vocação missionária da literatura; b) por outro lado sua natureza aversa ao instituído, como já repetido, seu carácter iconoclasta, sua indisposição para construir uma glória literária por intermédio de gestos de aproximação não beligerantes com os atores do sistema das letras.

### **Lima Barreto hoje: elogio ao mestiço pobre**

O que assistimos nas últimas décadas é, como dito no começo deste ensaio, uma retomada vigorosa da atenção em relação ao trabalho de Lima Barreto. Contudo, tem se destacado que se procede então a um pagamento de uma dívida ao autor, cuja origem derivaria dos traços coloniais, racistas e classistas da sociedade brasileira. Ora, ninguém, ou poucos, negariam tais traços em nossa sociedade. Mas, devemos inquirir: é justo elogiar Lima Barreto apenas por questões identitárias? Seu valor depende unicamente por ter feito, de modo supostamente inaugural em nosso país, uma “literatura negra”? Fazer literatura social é suficiente para tê-lo como um bom autor? Num artigo para *O Globo*, Marcus Faustini assim escreveu: “Todas as homenagens a Lima Barreto que acontecem este ano devem ser declaradas atos de desagravo ou não serão homenagem alguma” (FAUSTINI, 2017).



A verdade é que pulula nas glosas entusiastas atuais o qualificativo “gênio” (NUNES, 2016). Quase que unanimemente Lima Barreto alçou-se à condição de gênio, logo praticamente não criticável. Supostamente, por ter sido mestiço e pobre, e ter feito literatura engajada, as qualidades supremas do autor de *Cemitério dos Vivos* não teriam sido reconhecidas pelos seus pares contemporâneos; agora, porém, estas mesmas qualidades, por si só, parecem suficientes para garantir-lhe o reconhecimento inquestionável.

Tal atitude é lamentável e indigna com a força e o merecimento devidos, sem favor, por Lima Barreto. Efetivamente Lima Barreto é autor de uma obra irregular. Como já insistentemente aludido neste ensaio, seu *Recordações do escrivão de Isaías Caminha* oscila entre um romance de denúncia social (com intenso teor de exposição aguda do racismo brasileiro), em seus primeiros capítulos, bem estruturados e densos, e um panfleto anti-imprensa, nos capítulos posteriores, nos quais o personagem principal flutua um tanto obliquamente. O *Triste fim de Policarpo Quaresma*, saído em jornal como folhetim, é muito mais bem-acabado, inteiro, bem resolvido composicionalmente. Em *Numa e Ninfa*, outro folhetim, assistimos novamente a um recuo na qualidade intrínseca; para, por fim – e se restringindo apenas aos seus romances –, voltarmos a ler um Lima Barreto que acerta com mais vigor em *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá*<sup>5</sup>. Em todas as obras, para além de sua maior ou menor consistência estrutural, persiste sua virtude satírica, seu aguçado faro para a crítica, sua observação ampla dos tipos e costumes da vida urbana contemporânea.


A força como que se vivencia hoje os desdobramentos dos estudos culturais, para os quais “O intento é ressocializar e rehistoricizar (sic) a grande arte, tornada abstrata nas mãos das elites, **bem como promover as manifestações das classes populares e das minorias a um estado de dignidade cultural que não lhes é concedido** (BORDINI, 2006: 14 – Ênfase acrescentada), tem acarretado num certo exagero, já denunciado inclusive por muitos: o elogio condescendente e populista<sup>6</sup>.

Conquanto pareça ser irresistível hoje o argumento segundo o qual a literatura – e a crítica literária – seja um segmento, e apenas mais um, no amplo espectro daquilo que desde Michel Foucault vem-se chamando de “práticas discursivas”; e reconhecendo-se,

---

<sup>5</sup> Baseio-me, nesta breve suma apreciativa do conjunto romanesco do autor, nas palavras de Monteiro Lobato, seu editor no final da vida. Cf. Lobato, 2009: 48.

<sup>6</sup> Cf. também CEVASCO, 2003.



na linha argumentativa desenrolada por Terry Eagleton (1997), que estamos desde sempre, ao exercer o mister literário (incluindo, aqui também, a teoria e a crítica), pisando o terreno do político; tampouco assoma como uma verdade insofismável que aquilo que se impregna como “o literário” de modo persistente no imaginário de uma cultura seja pura e simplesmente substituído por uma consciência militante “bem-intencionada”, a qual reduz todo e qualquer discurso a seu epílogo político.

Por fim, como há dito Noé Jitrik, uma vez que qualquer texto seja uma interpretação da vida humana, é natural que a crítica o cobre por sua dimensão ética. O problema vem à tona, na medida em que se descai para o denunciamento, tropeçadamente deixando de discernir representação ficcional e realidade, tornando toda e qualquer vítima social em “herói cultural”. É o mal passo que devém da militância totalitária<sup>7</sup>.

Voltando a Lima Barreto, e concluindo, sustentamos que a boa lição de Antonio Candido continua de pé. É necessário na análise crítica compreender como o elemento social – a crítica, a denúncia – se filtra e se transfigura em fator artístico, na rica conjunção do *externo* no *interno* (Candido, 1967). É possível dizer que Lima Barreto poderia ter uma recepção mais ampla, de maior repercussão? Sim. Mas não lhe faltou a crítica contemporânea de todo, nem sequer os senões que recebeu derivam apenas de sua condição de negro e pobre. É possível alargar sua fortuna crítica? Claro. Possível de desejável. Contudo que façamos justiça ao autor, analisando sua obra em si, em seus méritos e defeitos, não precisando escudá-la em perigosas vestes vitimárias.


---

<sup>7</sup> “... la literatura, como es obvio, desaparece, deja de ser ella misma um registro crítico del todo social, cosa que se le atribuía em virtud de lo que era capaz de crear, es desacralizada en lo que tiene de incognoscible para convertirse em un mero punto de partida para describir y definir un asunto grave e tomar posición frente a él y, sobre todo, em relación con sus productores. Se produce, em este punto, una exasperación hermenéutica, el asunto tapa su formulación, en todo lo que se mira se ve el asunto y no más ni su proceso ni la autonomía relativa del código que lo vehiculiza” (Jitrik, 2000: 37-38).



## Referências bibliográficas

- AMADO, Jorge. O cavaleiro da esperança. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- BARBOSA, Francisco de Assis. A vida de Lima Barreto, 1881-1922. 5.ed. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília: INL, 1975.
- BARRETO, Lima. Apresentação. In: Floreal, n. 1, Rio de Janeiro: 1907, p. 3-7.
- \_\_\_\_\_, Bagatelas. Rio de Janeiro: Empresa de Romances Populares, 1923.
- \_\_\_\_\_, Um longo sonho do futuro: diários, cartas, entrevistas e confissões dispersas. 2º ed. Rio de Janeiro: Graphia, 1998.
- \_\_\_\_\_, Recordações do escrivão Isaías Caminha. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2010.
- \_\_\_\_\_, Marginália & Impressões de Leitura. Belém: Universidade da Amazônia, s/d (e-book).
- BORDINI, Maria da Glória. Estudos culturais e estudos literários. In: Letras Hoje, v. 41, n.3. Porto Alegre, setembro 2006, p. 11-22.
- BOSI, Alfredo. Introdução: figuras do *eu* nas recordações de Isaías Caminha. In: Recordações do escrivão Isaías Caminha. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2010.
- CANDIDO, Antonio. Literatura e sociedade. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1967.
- CARVALHO, Maria Rezende de. Três pretos tristes: André Rebouças, Cruz e Sousa e Lima Barreto. Topoi. v. 18, n. 34. Rio de Janeiro, Jan-Abril, 2017.
- CASTELO, J.A.; CANDIDO, A. Presença da literatura brasileira: do romantismo ao simbolismo. São Paulo: DIFEL, 1974.
- CEVASCO, Maria Elisa. Dez lições sobre Estudos Culturais. São Paulo: Boitempo, 2003.
- EAGLETON, Terry. Teoria da literatura: uma introdução. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- FAUSTINI, Marcus. Desagravo a Lima Barreto. In: O Globo. 04/07/17. Acessível em: <file:///Users/josiasdepaulajr/Documents/Lima%20Barreto/Desagravo%20a%20Lima%20Barreto%20-%20Jornal%20O%20Globo.webarchive>

- 
- JITRIK, Noé. Estudos culturais/estúdios literarios. In: Literatura e estudos culturais. Maria Antonieta Pereira, Eliana Lourenço de L. Reis, orgs. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2000.
- LOBATO, Monteiro. Críticas e outras notas. São Paulo: Globo, 2009.
- MARTHA, Alice Áurea Penteado. Lima Barreto e a crítica (1900-1922): a conspiração do silêncio. In: Acta Scientiarum, n. 22, 1, 2000. p. 59-68.
- NUNES, Davi. Lima Barreto: um gênio negro e o reconhecimento tardio. In: [www.geledes.org.br](http://www.geledes.org.br), 2016.
- OAKLEY, R. J. Lima Barreto e o destino da literatura. São Paulo: Editora Unesp, 2011.
- PRADO, Antonio Arnoni. Lima Barreto: uma autobiografia literária. São Paulo: Editora 34, 2012.
- RESENDE, Beatriz. Lima Barreto: A opção pela Marginália. In: Os Pobres na Literatura Brasileira. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- RIEDEL, Dirce Cortes. Viver literatura. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2009.
- SEVCENKO, Nicolau. Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. São Paulo: Brasiliense, 1983.